

Palácio Poli: residência

de um embaixador de Portugal na Roma barroca

TERESA LEONOR M. VALE *

Resumo – Foi no âmbito da investigação desenvolvida com vista à elaboração da nossa tese de Doutoramento que tivemos oportunidade de localizar um manuscrito que desde logo se revelou do maior interesse – ainda que não trouxesse contributos directos para a nossa dissertação, cujo tema era a importação de escultura barroca italiana para Portugal no século XVII. Tratava-se da *Relação da Caza que Tinha em Roma o Embaxador Arcebispo de Braga D. Luís de Souza*¹, que consistia numa descrição da residência romana de D. Luís de Sousa (1637-1690), bispo de Lamego, arcebispo de Braga e embaixador de Portugal em Roma entre 1675 e 1682.

Mais recentemente, durante a preparação para edição do diário manuscrito dessa mesma embaixada², voltou a nossa atenção a ser solicitada por esse texto que descreve o palácio habitado em Roma por D. Luís de Sousa. Assim, é de certa forma a exploração do conteúdo dessa descrição que nos propomos realizar com o presente texto, efectuando não só uma aproximação ao edifício em si mas também à vivência experienciada por D. Luís de Sousa nos seus interiores, ao longo dos quase seis anos da sua estada romana.

* Doutora em História da Arte pela F.L.U.P.

¹ BIBLIOTECA DA AJUDA, Ms. 54-XI-36, Nº 95, publ. por Teresa Leonor M. VALE, *A Importação de Escultura Italiana no Contexto das Relações Artístico-Culturais entre Portugal e Itália no Século XVII*, Vol. II, Dissertação de Doutoramento Apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1999, pp. 7-17 o mesmo que Teresa Leonor M. VALE, *Escultura Italiana em Portugal no Século XVII*, Lisboa, Caleidoscópio, 2004, pp. 317-322.

² Teresa Leonor M. VALE, *Diário da Iornada que Fez o Illustrissimo Senhor Bispo de Lamego Dom Luís de Souza. Diário de um Embaixador de Portugal na Roma Barroca*, Lisboa, Livros Horizonte, 2005 (no prelo) e desde já Teresa Leonor M. VALE, "Diário da iornada que fes o Illustrissimo Senhor Bispo de Lamego Dom Luís de Souza... Diário de um embaixador de Portugal e encomendador de obras de arte na Roma barroca", in *Lusiada. Arqueologia, História da Arte e Património*, Nº 2/4, Lisboa, Universidade Lusíada, 2004, pp. 85-104.

Abstract – *It was during the investigation of our PhD Dissertation's theme that we were able to find a manuscript of great interest, although it did not bring a direct contribution to our work then, which theme was the importation of Italian sculpture in the context of the artistic and cultural connections between Portugal and Italy in the seventeenth century.*

*The manuscript entitled *Relação da Caza que Tinha em Roma o Embaxador Arcebispo de Braga D. Luís de Souza*, consisted on a description of the roman residence of D. Luís de Sousa (1637-1690), bishop of Lamego, archbishop of Braga and ambassador of Portugal in Rome between 1675 and 1682.*

Recently, during the preparation of the edition of the manuscript journal of that same embassy, our attention was once again called by this text that reveals the roman palace of D. Luís de Sousa. In a certain way it is the explanation of the contents of that description the aim of the present text, looking forward to know better not only the building but also the living experience of the Portuguese ambassador in the Seicento Rome.

I. D. Luís de Sousa (1637-1690), bispo de Lamego, arcebispo de Braga e embaixador de Portugal em Roma

Não é nosso objectivo efectuar uma biografia (mais ou menos) exaustiva de D. Luís de Sousa – uma vez que já tivemos ocasião de fazê-lo na nossa tese de Doutoramento, com maior pertinência – mas tão-só salientar alguns aspectos que poderão ser relevantes para a boa compreensão da permanência romana do prelado embaixador, sobretudo no palácio que nos propomos abordar.

Ascendência, relações e solidariedades familiares

D. Luís de Sousa³ nasceu no seio de uma família da mais elevada aristocracia nacional do século XVII, na qualidade de segundogénito, o que em certa medida o destinou à vida eclesiástica. Ver-se-ia porém, por circunstâncias várias, conjunturalmente conduzido à carreira diplomática. Embaixador de Portugal em Roma, D. Luís de Sousa revelar-se-á um dos portugueses mais seduzidos e marcados no século XVII pela arte e cultura italianas, com as quais contactou durante os cerca de seis anos da sua permanência na cidade pontifícia.

Filho segundo do casamento de D. António de Sousa e D. Leonor de Melo Coelho, D. Luís de Sousa terá nascido, no ano de 1637, na quinta do Calhariz,

³ Para um contacto com as fontes documentais e bibliográficas subjacentes à elaboração desta síntese biográfica veja-se Teresa Leonor M. VALE, *op. cit.*, pp. 231-236 e ainda Teresa Leonor M. Vale, *Diário de um Embaixador Português em Roma*, Lisboa, Livros Horizonte, 2006 (no prelo).

propriedade familiar nas proximidades de Sesimbra. Antes de si haviam nascido : D. Francisco de Sousa (1631-1711) - o primogénito e herdeiro da casa de seus pais, que seria capitão da guarda dos reis D. Afonso VI e D. Pedro II -, e duas irmãs que ingressariam no mosteiro das comendadeiras de Santos.

Formação académica

Revelando excepcionais capacidades de aprendizagem, D. Luís de Sousa regista um notável percurso académico, o qual tem início no colégio de Nossa Senhora da Conceição, da Companhia de Jesus, em Santarém (sob a orientação do Pe. Manuel Andrade), dispondo igualmente dos serviços do trinitário António Correia que, na qualidade de professor particular, lhe assegurava lições de filosofia. Cerca de 1650 D. Luís de Sousa deixa Santarém com destino a Coimbra, onde prossegue os seus estudos com o também jesuíta Pe. Luís Álvares, e em 1654, ingressa no colégio de S. Paulo, a fim de iniciar a sua formação a nível universitário.

À obtenção do grau de mestre em artes, sucede-se o de doutor em teologia e ao estudo sucede-se a docência. Já em 1667, vê-se D. Luís de Sousa eleito vice-reitor da universidade de Coimbra, ficando assim, durante um período de tempo, à frente dos destinos da academia, na sequência da morte do reitor Manuel Corte Real de Abranches (ocorrida em Dezembro do ano precedente).

Carreira eclesiástica

Quanto à carreira eclesiástica de D. Luís de Sousa, ela tem início em 1666, quando se torna chantre da Sé de Coimbra e rapidamente se converte numa sucessão de cargos de crescente prestígio, da qual se não exclui uma passagem pelo Santo Ofício (deputado da Mesa da Consciência e Ordens em 1664 e deputado da inquisição de Coimbra em 1668).

Os dois últimos anos da década de 60 marcam um crescente contacto de D. Luís de Sousa com a corte e, por tal motivo, uma também crescente presença em Lisboa, a que certamente não é alheia a sua nomeação para o bispado de Lamego, ocorrida a 23 de Setembro de 1668.

A confirmação pontifícia de D. Luís de Sousa no bispado de Lamego surge pela bula *Gratiae Divinae Praemium*, dada por Clemente X em 15 de Dezembro de 1670, tomando o prelado posse do bispado por procuração a 9 de Julho. Em Outubro de 1671 D. Luís de Sousa partiu de Lisboa, com destino à sede da sua diocese, efectuando a sua entrada na cidade no dia 11 desse mês.

Enquanto bispo de Lamego D. Luís de Sousa, dando mostras do seu carácter empreendedor, promoveu a reedificação dos paços episcopais e visitou demoradamente, ao longo do ano de 1673, todos os territórios da sua diocese.

No início de 1674, D. Luís de Sousa deslocou-se a Lisboa, onde já se encontrava no dia 13 de Janeiro, a fim de participar nas cortes então reunidas com a finalidade de ser jurada como herdeira do trono português a princesa D. Isabel Luísa Josefa, filha única do príncipe regente D. Pedro e de D. Maria Francisca Isabel de Sabóia, proferindo duas orações, pouco depois impressas.

A missão diplomática

Apesar de nomeado embaixador extraordinário de Portugal em Roma, pelo príncipe regente ainda em 1674, a viagem não se verifica de imediato, permanecendo D. Luís de Sousa algum tempo junto da corte, tendo-se certamente ocupado na preparação da sua missão, a qual tinha como objectivo primeiro a reactivação dos tribunais do Santo Ofício, cuja acção se encontrava suspensa. Trata-se do que em termos coevos surge designado como o "negócio dos cristãos novos", por se entender que estes obstavam à reactivação dos mencionados tribunais, constituindo-se como um verdadeiro grupo de pressão junto dos meios influentes da cúria pontifícia.

Finalmente, a 18 de Setembro 1675, partia D. Luís de Sousa de Lisboa, com destino a Roma, na qualidade de embaixador extraordinário da coroa portuguesa. Esta missão a Roma encontra-se particularmente bem documentada - sobretudo para o período que tem início na partida da comitiva de Lisboa até ao mês de Março de 1678 -, por ter chegado até nós um diário, cujo texto se revela precioso para acompanhar a permanência do bispo embaixador em Roma, não apenas quanto à evolução dos negócios de Estado que constituíam o objectivo primeiro da sua missão mas também, e sobretudo, por permitir constatar a sua sensibilidade para a arte e a cultura romanas do último quartel do século XVII.

Do ponto de vista político, a missão diplomática de D. Luís de Sousa ver-se-á coroada de êxito pela emissão, a 22 de Agosto de 1681, pelo papa Inocêncio XI, da bula *Romano Pontifex*, a qual restabelece as funções dos tribunais do Santo Ofício em Portugal e seus domínios.

Actuação enquanto arcebispo de Braga

Regressado a Lisboa em 1682, feito que fora em Roma arcebispo de Braga – pela bula *Romani Pontificis*, de Inocêncio XI, dada a 8 de Fevereiro de 1677 -, e certamente com vontade de se dedicar às suas novas funções de arcebispo, D. Luís de Sousa deixa a corte a 21 de Junho de 1683 e efectua a sua entrada solene na sede do seu arquipiscopado no dia 3 de Julho desse ano, com um aparato a que não é decerto estranha a pompa de manifestações sociais afins que tivera oportunidade de presenciar em Roma, durante os anos que aí permanecera.

Rapidamente D. Luís de Sousa adequa a residência episcopal ao seu gosto, educado em Roma, onde apreciara os interiores de alguns dos mais belos e ricos palácios europeus do seu tempo – para além do palácio do Vaticano, refiram-se o palácio Barberini, o palácio Boncompagni (ou Ottoboni) , entre outros - e onde ele próprio habitara um edifício de interior sumptuoso, como teremos oportunidade de constatar.

Enquanto arcebispo de Braga, D. Luís de Sousa revelou plenamente o seu carácter empreendedor empenhando-se não só em visitar a diocese, como em promover a impressão das novas constituições do arcebispo que, apesar de prontas, não tinham ainda vindo a lume. A D. Luís de Sousa também se deve a fundação da casa da congregação do Oratório de S. Filipe de Néri de Braga, bem como a reedificação da igreja de S. Vítor.

Este último empreendimento foi levado a cabo com grande envolvimento do prelado, quase como uma empresa pessoal, e segundo projecto do engenheiro militar francês então activo em Portugal (e concretamente em Viana do Castelo), Michel de l'École ou de Lescolle. A reconstrução do templo teve o seu início em 1686, sob a direcção do mestre pedreiro Pascoal Fernandes, o qual parece ter sido igualmente o responsável pela fachada barroca que o mesmo ostenta e na qual se observam as armas do arcebispo. O retábulo da capela-mor (obra do entalhador Domingos Lopes) data já de 1691, ano imediato ao do falecimento do arcebispo promotor da reedificação. Nos muros internos apreciam-se composições azulejares atribuíveis a Gabriel del Barco, provavelmente resultado de uma encomenda ainda de D. Luís de Sousa (recorde-se que são igualmente de Gabriel del Barco os azulejos que se observam na capela de S. Francisco da quinta do Calhariz, propriedade sua e de seu irmão D. Francisco, para cujo altar obteve em Roma privilégios específicos por concessão de um breve pontifício).

Falecimento e exéquias fúnebres

D. Luís de Sousa, vem a falecer, na qualidade de arcebispo de Braga, a 29 de Abril de 1690, tendo o seu corpo sido sepultado sob o pavimento da capela-mor da Sé.

Nas solenes exéquias que o cabido realizou em honra e memória do arcebispo falecido, a oração fúnebre ficou a cargo do Pe. Pedro do Amaral, S.J., reitor do colégio jesuíta de Braga. Também o colégio de Barcelos assinalou o falecimento do arcebispo, tendo na ocasião sido panegirista o Dr. Heitor Pereira de Brito, prior da colegiada.

II. A Roma do seicento e D. Luís de Sousa

Como afirma o historiador Massimo Petrocchi, "Roma è nel Seicento – questo rimane certamente il motivo universalmente accettato in tutta l'Europa del secolo – città di cultura e d'arte."⁴. Com efeito, é em Roma que se assiste ao nascimento e, a partir dela, aos subsequentes desenvolvimento e difusão do barroco, no âmbito das artes plásticas (arquitectura, escultura, pintura, artes decorativas) mas também daquelas que hoje denominamos genericamente do espectáculo (música, teatro, etc.), destacando-se a presença na cidade pontifícia de compositores da grandeza de Gerolamo Frescobaldi (organista da basílica de Santa Maria in Trastevere e depois da capela Giulia no Vaticano) ou, já no final da centúria, de Alessandro Scarlatti - particularmente activo nos meios aristocráticos e concretamente na corte romana de Cristina da Suécia – ou ainda de Arcangelo Corelli.

⁴ Massimo PETROCCHI, *Roma nel Seicento*, (col. Storia di Roma, XIV), Bolonha, Licinio Cappelli Editore, 1976, p. 143 (1ª edição 1971).

As representações teatrais que, como adiante se verá, D. Luís de Sousa frequenta assiduamente, conhecem de igual modo um grande desenvolvimento na Roma do *seicento*⁵, decorrendo em teatros propriamente ditos, sendo de mencionar entre estes o Tordinona (inaugurado em 1670 e logo ampliado em 1671, mandado encerrar pelo austero Inocêncio XI, reaberto em 1690 por Alexandre VIII e de novo ampliado em 1696), ou em teatros particulares de palácios da aristocracia ou de colégios religiosos, como é o caso do Colégio Romano ou do Colégio Clementino, em cuja célebre sala se representou em 1679 (estando D. Luís de Sousa em Roma) a peça intitulada *Gli Equivoci nel Sembiante*, musicada por Alessandro Scarlatti. Precisamente no teatro do Colégio Clementino assiste D. Luís de Sousa a uma comédia, na noite de 24 de Fevereiro de 1677, estando igualmente presentes "*muytos Cardeaes, a Raynha da Suecia, e muyta parte das Damas e Cauallheiros de Roma (...)*"⁶. Aliás, a presença do prelado embaixador de Portugal em comédias nesse ano de 1677 iniciara-se já alguns dias antes - concretamente a 21, com uma representação no Colégio Romano⁷ - e prossegue nos dias imediatos, a 26 de Fevereiro de novo no Colégio Romano e a 27 do mesmo mês no Colégio Clementino⁸. No ano seguinte, por ocasião do Carnaval - época em que, justificadamente, se repetiam as representações de comédias - teve lugar no Colégio Romano uma dedicada à rainha Santa Isabel de Portugal, a que naturalmente assistiu o bispo embaixador de Portugal⁹.

É igualmente na Roma seiscentista que se desenvolvem de forma ímpar a parênética e a técnica da oratória, produzindo a cidade pontifícia alguns dos mais famosos pregadores, entre os quais emergem como exemplos relevantes os capuchinhos Girolamo Mautini da Narni e Bonaventura Recanati ou os jesuítas Luigi Albrizio e Giovanni Paolo Oliva. E em Roma brilha também na qualidade de pregador o jesuíta português Padre António Vieira (1608-1697). Por duas vezes se deslocou Vieira a Roma : uma primeira, que teve lugar em 1650 e se revestiu de um carácter mais ou menos secreto, integrava-se todavia claramente na estratégia diplomática portuguesa imediata à Restauração ; à segunda viagem, realizada em 1669 (permanecendo o jesuíta português em Roma até 1675), presidiram motivações de ordem pessoal, embora a justificação oficial apresentada para a sua concretização tenha sido o processo de canonização de quarenta religiosos da Companhia, martirizados por corsários calvinistas.

Como tivemos oportunidade de escrever anteriormente com maior detalhe, é em circunstâncias muito diferentes que se verificam estas duas viagens, mas em qualquer delas Vieira revela-se sempre simultaneamente um agente político e um

⁵ Cf. Maurizio Fagiolo dell'ARCO, (dir. de), *La Festa Barocca*, (col. Corpus delle Feste a Roma, 1), Roma, Edizioni De Luca, 1997, pp. 117-119.

⁶ BIBLIOTECA NACIONAL, Secção de Reservados, Fundo Geral, Cod. 408, *Diario da iornada que fez o Illustrissimo Senhor Bispo de Lamego Dom Luis de Souza Embaixador Extraordinario do Principe Dom Pedro, a Santidade do Pappa Clemente Decimo na era de 1675 annos.*, fl. 197.

⁷ B.N., Secção de Reservados, Fundo Geral, Cod. 408, *Diario da iornada (...)*, fl. 196v.

⁸ B.N., Secção de Reservados, Fundo Geral, Cod. 408, *Diario da iornada (...)*, fl. 197.

⁹ B.N., Secção de Reservados, Fundo Geral, Cod. 408, *Diario da iornada (...)*, fl. 287v.

agente cultural. Se na viagem iniciada em 1650 domina o primeiro, naquela que tem início em 1669 domina o segundo, pregando brilhantemente nos púlpitos das igrejas romanas. Atento às práticas socio-culturais intensas de uma cidade fervilhante, como é a Roma papal da segunda metade de Seiscentos, António Vieira move-se com agilidade cortesã mas igualmente com profunda erudição académica, reconhecendo-se entre a verdadeira elite cultural - não apenas italiana mas europeia - que constitui a corte da rainha Cristina da Suécia, a qual elegera Roma para residir após a sua abdicação, em 1655¹⁰.

Durante a sua estada romana, D. Luís de Sousa assiste naturalmente a muitos sermões, destacando-se aqueles pregados na Quaresma e Semana Santa, sendo de referir, a título de exemplo, o da quarta-feira de Cinzas de 1677, pelo Dr. Manuel Ribeiro de Seixas (cónego magistral da Sé de Lamego), na igreja de Santo António dos Portugueses¹¹. Não se limita porém D. Luís de Sousa a ouvir, também ele profere, a convite dos Padres da Companhia, uma oração "*em público*" na igreja do Santíssimo Nome de Jesus (Gesù), no dia 21 de Junho de 1676, dia de S. Estanislau Kostka¹².

Um acontecimento anualmente repetido na Roma barroca era o Carnaval, momento de efusão que precedia a Quaresma e que a cidade vivia de modo particularmente intenso. Tradicionalmente vivido de modo exuberante, o Carnaval romano era na essência uma festa de origem popular, à qual se associavam elementos da aristocracia e do clero, emprestando assim brilho e riqueza ao acontecimento, designadamente através da encomenda de sumptuosos carros alegóricos a artistas de relevo. Desta situação é exemplo notável o carro realizado por Gianlorenzo Bernini (1598-1680) para a família Chigi em 1658, bem como aquele, profusamente decorado, da autoria de Johan Paul Schor (1614-1674), para a família Borghese em 1664¹³.

Logo após a sua chegada, D. Luís de Sousa teve ocasião para experimentar semelhante evento. Com efeito, chegado a Roma a 23 de Janeiro de 1676, o bispo de Lamego conhece o Carnaval romano volvido menos de um mês, logo a 17 e 18 de Fevereiro, devendo por tal motivo suspender as visitas diplomáticas que deviam ocupá-lo. Nota desde logo o autor do *Diário* como é particular tal época do ano na cidade pontifícia: "*No qual tempo [do Carnaval] em Roma ha grande selebridade já por uarias commedias que ha nella, já pella multidão grande de Mascarados, e uzo que ha de se correrem, em huma rua que chamão o Corço naquella cidade alguns cavallos barbaros, que sem nenbum aderesso, ou alguem nelles correm assim dezenfriadamente.*"¹⁴. No ano seguinte, de 1677, em que o

¹⁰ Cf. Teresa Leonor M. VALE, Vieira *em Roma - agente político, agente cultural* in AAVV, *Terceiro Centenário da Morte do Padre António Vieira Congresso Internacional. Actas*, Vol. I, Braga, Universidade Católica Portuguesa - Província Portuguesa da Companhia de Jesus, 1999, pp. 689-706.

¹¹ B.N., Secção de Reservados, Fundo Geral, Cod. 408, *Diario da iornada* (...), fl. 199.

¹² B.N., Secção de Reservados, Fundo Geral, Cod. 408, *Diario da iornada* (...), fl. 122.

¹³ Cf. Maurizio Fagiolo dell'ARCO, (dir. de), *op. cit.*, p. 50.

¹⁴ B.N., Secção de Reservados, Fundo Geral, Cod. 408, *Diario da iornada* (...), fl. 70v.

Carnaval, se verificou a 25 de Fevereiro, volta o autor do Diário a escrever : "*foy o Senhor embaixador incognitto a Caza de monsanbor Bom Companho, que mora no Corso, o qual o hauia convidado, a lhe fazer honrra de hir hum dia de tarde ver de huma gallaria que tinha no seu Pallacio á variadade das mascaras, e o correr dos cavallos Barbaros, que hé o modo con que se festejão os dias de entrudo.*"¹⁵ para acrescentar de seguida : "*Acabousse com os dous dias de Entrudo, as festas das mascaras de que os Italianos mostrão Summo contentamento ; desculpauel em parte, porque todo o anno não tem outro Exercicio que paressa festival.*"¹⁶ Já em 1678, último Carnaval romano de D. Luís de Sousa narrado pelo Diário, escreve o autor para o dia 12 de Fevereiro : "*Comessarão as mascaras do Carnaval e Comellas as Comedias do Collegio Clementino, e Romano ; e poucos diaz antez se hauião prencepiado as particularez ; Os Relligiozoz e Siminaristas de hum e Outro Collegio haviam vindo invitar o senhor Embaixador para hir ouuir as commedias :E Commessandosse no Romano huma Comedia de sancta Izabel Raynha de Portugal, e foi o senhor Embaixador oouuir e lhe pareceo muito bem, e a toda a sua familia, que o acompanhou. No dia seguinte en que não hauia mascaras por ser Domingo foi sua Ex.^a. passear ao Corso.*"¹⁷.

Referia-se o texto, nas três passagens citadas, a todas as componentes essenciais na celebração do Carnaval romano : as representações teatrais, as máscaras (compreendendo o desfile de carros alegóricos) e também a chamada corrida da "chinea", que consistia em soltar cavalos selvagens em corrida pela via del Corso, decerto um dos acontecimentos mais impressionantes para um "não-romano", e que D. Luís de Sousa, no ano de 1677¹⁸, se empenhou em assistir de uma posição privilegiada – a varanda do palácio do cardeal Boncompagni (mais conhecido com a designação de Ottoboni, situado precisamente no Corso, embora o alçado principal fosse virado para a via delle Vite)¹⁹.

III. O palácio romano do embaixador

O palácio onde fixou residência o embaixador de Portugal em Roma era "*do Duque Conde Pulli Mestre da Camera da Sirinissima Raynha de Sueçia em que morou o Eminentissimo Senhor Cardeal Aqua uiua (...).*"²⁰. Cremos tratar-se de um edifício situado na zona de Campo Marzio, ocupando um quarteirão sensivelmente triangular, definido pelas actuais via di Torre Argentina, via Monterone e corso Vittorio Emmanuele II (Rione VIII, Sant'Eustachio).

¹⁵ B.N., Secção de Reservados, Fundo Geral, Cod. 408, *Diario da jornada* (...), fl. 197.

¹⁶ B.N., Secção de Reservados, Fundo Geral, Cod. 408, *Diario da jornada* (...), fl. 197v.

¹⁷ B.N., Secção de Reservados, Fundo Geral, Cod. 408, *Diario da jornada* (...), fl. 287v.

¹⁸ B.N., Secção de Reservados, Fundo Geral, Cod. 408, *Diario da jornada* (...), fl. 197.

¹⁹ O palácio tornou-se conhecido pela designação de Ottoboni depois de 1731, data em que um ramo dos Boncompagni, por aliança matrimonial, se fundiu com os Ottoboni, adoptando mesmo o nome destes últimos - cf. Giorgio CARPANETO, *I Palazzi di Roma*, 2ª edição, Roma, Newton Compton, 1993, pp. (1ª edição 1991).

²⁰ B.A., Ms. 54-XI-36, N.º 95, fl. 1.

Construído por iniciativa de Luigi Roberti, membro de uma poderosa família, a qual deu à política e ao clero romanos respectivamente diversos conservadores e cardeais no final do século XVI, o palácio foi vendido em 1675 – menos de um ano antes de vir a ser ocupado por D. Luís de Sousa -, por Fulvio Roberti, a Lucrezia Colonna Conti, duquesa de Poli, que depois o arrendou sucessivamente ao cardeal Acquaviva, ao cardeal Corsini e ao embaixador de Portugal, com a renda anual de 1.136 escudos romanos, ou seja, mais de 3.000 cruzados, segundo o autor do *Diário*²¹.

Exactamente um século mais tarde, em 1775, o palácio passa para a posse de Alessio Datti, adquirindo a designação (palácio Datti), pela qual é ainda hoje conhecido²².

A crer no autor do texto que descreve o palácio enquanto residência do prelado embaixador de Portugal, o edifício ficara também conhecido (decerto por um breve período de tempo) por palácio Acquaviva, dada a celebridade e prestígio do cardeal homónimo que aí residira antes de D. Luís de Sousa²³.

Em 1676 o autor do Diário notava ainda que o palácio não tinha fachada, "*nem Agoa dentro : porem grande Commodidade, e bons jardins.*"²⁴

Para uma eficaz compreensão do palácio onde residiu D. Luís de Sousa durante a sua estada romana de cerca de seis anos, afigura-se-nos pertinente proceder a uma aproximação – de forma forçosamente sumária – aos principais aspectos caracterizadores dos palácios e interiores barrocos romanos da segunda metade e, em particular, do último quartel de Seiscentos.

Podem reconhecer-se, entre as principais características do palácio barroco romano :

- uma generalizada procura de efeitos espaciais ilusionísticos;
- uma crescente importância concedida ao portal principal (enquadramento arquitectónico, tratamento escultórico, investimento heráldico);
- um protagonismo do binómio átrio-escadaria monumental;
- organização global do espaço interior em áreas funcionais: de serviço, de representação (ou aparato) e privadas;
- um relevante andar nobre – sobredimensionamento e carga ornamental dos compartimentos, com frequência organizados em linha (*enfilade*) e directamente comunicantes (de molde a sugerir e permitir de facto a realização de um percurso social de aparato);
- a presença de uma galeria - ou seja, como nota Gilda Rosa : "*uno spazio inutile ed um complesso inutilizzabile per il passaggio ad una pompa più o meno reale di un (forse molto spesso immaginario) corteo.*"²⁵;

²¹ B.N., Secção de Reservados, Fundo Geral, Cod. 408, *Diario da iornada* (...), fl. 33.

²² Cf. Giorgio CARPANETO, *op. cit.*, p. 193 (1ª edição 1991).

²³ B. A., Ms. 54-XI-36, Nº 95, fl. 1.

²⁴ B.N., Secção de Reservados, Fundo Geral, Cod. 408, *Diario da iornada* (...), fl. 33.

²⁵ Gilda ROSA, *La Decorazione nell'Età Barocca*, Milão, Fratelli Fabbri Editori, 1966, p. 25.

- a existência de um jardim (mesmo nos palácios urbanos), normalmente povoado de estátuas e de fontes com mais ou menos elaborados jogos de água, escadas e grutas (numa incessante procura de efeitos cenográficos e surpreendentes).

Quanto aos interiores e como bem sintetiza Gilda Rosa em dois breves parágrafos : "La casa è maggiormente articolata ; varia la disposizione degli ingressi, delle sale ; in uno stesso palazzo si creano più appartamenti com più anticamera. La sala da pranzo è sempre in un ambiente mobile ; si riceve molto in camera da letto e alcuni locali sono ad uso alcova, cabinet e guardaroba.

La decorazione riveste le pareti : I soffiti sono, dapprima, a travi dipinte e dorate, arricchite da volute, (...). Il desiderio di comodità favorisce la creazione di nuovi tipi di mobili (...). Le tappezzerie destinate ad arazzo ed a coperture seguono logiche composizioni e rappresentano determinati soggetti (...)." ²⁶.

O palácio Poli satisfazia precisamente pelas dimensões, pela "*Multidão de salas capaçicimas de receber em sy grande Corte*" ²⁷, como pela sua compartimentação e distribuição interna, a "*diuizão proporcionada em repartimentos, e comoda pera as sirimiozias comtinencias de Roma com uarias portas secretas pera as uizitas occultas, couza de tanta cerimonia nesta Corte que sendo as mais furçadas são as de maior estima (...)*" ²⁸.

Teremos oportunidade de reconhecer muitos destes aspectos ao longo do texto que nos fala do palácio romano de D. Luís de Sousa, certamente elaborado por um dos secretários da embaixada já no mês de Fevereiro de 1676, pois a fólho 5 do manuscrito refere-se que o embaixador "*Domingo 9 deste mes fara a primeira entrada de campanha, e acabar-se-ão os fastidiosos cumprimentos de incognito.*" ²⁹, o mês referido é Fevereiro de 1676, como nos revela o texto do Diário ³⁰, no qual já se entrara quando o autor da descrição do palácio escreve, como se depreende pela utilização da expressão "*deste mês*".

O acesso ao palácio – cujas fachadas dando sobre a via pública se apresentavam algo fora de moda ³¹ – efectuava-se pelo pátio ("*cortile*"), cuja porta fora alargada para caberem os coches do embaixador e do qual foram ainda retiradas quatro colunas, substituídas por dois arcos, "*pera ter mão no pezo e ficar o atrio mais dezafogado*" ³², sempre com vista a uma mais fácil movimentação dos coches.

²⁶ Gilda ROSA, op. cit., pp. 10, 17, 18 ; cf. Também Peter THORNTON, *Form and Decoration. Innovation in the Decorative arts 1470-1870*, Londres, Weidenfeld & Nicholson, 1998, especificamente o Cap. 10 - *Rome 1660-1720*, p. 102 e ss. ; quanto à vivência destes espaços veja-se o interessante estudo de Raffaella SARTI, *Casa e Família. Habitar, Comer e Vestir na Europa Moderna*, Lisboa, Editorial Estampa, 2001, em particular pp. 203-238.

²⁷ B. A., Ms. 54-XI-36, N^o 95, fl. 1.

²⁸ B.A., Ms. 54-XI-36, N^o 95, fl. 1.

²⁹ B. A., Ms. 54-XI-36, N^o 95, fl. 1.

³⁰ B.N., Secção de Reservados, Fundo Geral, Cod. 408, *Diario da iornada (...)*, fl. 57v.

³¹ B. A., Ms. 54-XI-36, N^o 95, fl. 1

³² B. A., Ms. 54-XI-36, N^o 95, fl. 1.

Do lado esquerdo (do pátio) desenvolvia-se a escadaria de mármore conducente a um passadiço de acesso à sala dos palaferneiros. Interessante é a minuciosa referência ao facto de a meio da parede do lado direito desta sala dos palaferneiros existir um "*doçel muito grande da altura da Caza sobre quatro degraus de huma tarima A quem defende grades torneadas pulidamente pintadas de vermelho e amarelo (...)*"³³ – aí se expunha a "*prata de ostentação quando dão os Embaxadores Meza publica, como nos dias de Cortejo mais solene (...)*"³⁴. Todos os têxteis desta sala (doçel e panos de porta) eram de "*pano fino cramizi recamado de sitim, e retors de torsal*"³⁵ (porque não se usava ser de seda) com a representação das armas do embaixador.

Uma segunda sala que, logo do lado direito, dava acesso à capela, "*A qual esta ornada de tafetás carmizis (...), o altar esta ornado profeita e ricamente com o acejo de quem lhe açiste, e com a prata de Sua Excellencia que o faz apparatuso*"³⁶. Esta sala com quatro portas guarnecidas das respectivas porteiras (isto é, de panos de porta), em damasco carmezim, facultava o acesso à denominada segunda antecâmara, integralmente decorada com tapeçarias tendo por tema a história de Noé e lambril de veludo, sendo ainda animada por uma "*capaçiçima chamine*"³⁷. Note-se que as chaminés ou fogões de sala assumem precisamente no século XVII italiano um carácter frequentemente monumental, contribuindo de modo decisivo para a animação da superfície murária na qual se integravam. O material dominante para a realização deste equipamento relevante dos interiores aristocráticos barrocos era o mármore, constituindo-se assim, pela nobreza do material eleito e pela sua elaboração, como verdadeiros objectos escultóricos, destacando-se volumetricamente da parede de forma evidente. O autor da descrição do palácio refere por mais de uma vez as chaminés de alguns dos compartimentos, por serem decerto objectos dignos da atenção de um eventual visitante.

Contígua a esta segunda sala, e com acesso directo pela mesma, encontrava-se a terceira antecâmara, sensivelmente com as mesmas dimensões, e cujas paredes se apresentavam armadas de damascos encarnados com galão de ouro na parte inferior, enquanto na parte superior se reconhecia veludo com franja de ouro. O mobiliário consistia em dois bofetes de ébano e cadeiras estofadas a veludo. A partir desta terceira antecâmara acedia-se a uma galeria – o tal espaço destinado a ser eventualmente percorrido por um cortejo de visitantes e normalmente caracterizado pela presença de pintura e outras obras de arte – e ainda a uma denominada "*caza de retiro*", compartimento destinado a receber "*algumas uizitas, mais particulares*"³⁸, na expressão do autor da descrição do palácio.

³³ B. A., Ms. 54-XI-36, N^o 95, fl. 2.

³⁴ B. A., Ms. 54-XI-36, N^o 95, fl. 2.

³⁵ B. A., Ms. 54-XI-36, N^o 95, fl. 2.

³⁶ B. A., Ms. 54-XI-36, N^o 95, fl. 2.

³⁷ B. A., Ms. 54-XI-36, N^o 95, fl. 2v.

³⁸ B. A., Ms. 54-XI-36, N^o 95, fl. 3v.

Seguia-se uma quarta antecâmara, inteiramente revestida a damasco carmezim, sendo que o galão que dividia os vários panos tinha a "*Largura de quatro dedos, tecido em Florença de proposito pera este efeito*"³⁹. Para além de um grande bofete de ébano "*com tripeças de prata de grande valentia no Lauor*"⁴⁰, mobilavam o compartimento doze cadeiras altas "*ao uso Romano, Cubertas atbe os pes de uiludo*"⁴¹. Sobre o pavimento, de soalho, encontrava-se uma grande alcatifa.

Surgia então o quarto de Estado do embaixador, o qual era presidido pelo leito, de ébano com engastes de prata com decoração de carácter vegetalista. A componente têxtil era "*de tela Azul selest com guardaventos emcarnados com galão de ouro de exquisito capricho*"⁴². Nas paredes podiam observar-se damascos carmezim, divididos e franjados de ouro. As cadeiras eram encarnadas, nessa "*Lindissima pelle a que os Romanos chamão Marrochino, que uem de Barbiria, e uença na Apparença e estimação pela nouidade*"⁴³ e de madeira torneada "*tambem modelo nouo*"⁴⁴.

A sala de audiência, que era interior, apresentava as mesmas soluções decorativas da quarta antecâmara quanto à armação, cadeiras e alcatifas. Sob o docel que aí se encontrava, eram visíveis retratos do papa Clemente X e do príncipe regente de Portugal D. Pedro, diante dos quais se observava um grande bofete de ébano sobrepujado de um Calvário, com sua cruz de pau-preto e figuração de Cristo em bronze, "*fabricado com esmero da arte que costumão os artifices primos de Roma*"⁴⁵. Nos vãos do bofete reconheciam-se algumas peças de prata lavrada, como igualmente de prata era o braseiro com grandes asas e suportes em "*garras de Lião fazendo preza em quatro galos*"⁴⁶.

Outras duas salas interiores facultavam o acesso à porta secreta da sala de audiência (que comunicava directamente com a rua). Através da segunda destas salas acedia-se a um enfiamento de compartimentos que eram as instalações dos restantes elementos da embaixada, ou seja, "*as cazas da Corte de Sua Excellencia*"⁴⁷.

O autor do texto refere ainda "*huma galbarda sala que as uarias pinturas de tecto que hé de aboueda atrahir os olbos se os não deuertisse a alegre armação de damascos, e ouro com que per ser incurozo se uistirão as mais figuras das paredes*"⁴⁸, mobilada com dois bofetes de pau preto e animada pela presença de "*quatro magestosas Estatuas de Marmore sobre pedestais fingidos, que só em serem de cor diuersa, porque arremedão a porfido, parecem se distinguem das estatuas, que são de marmore branco*"⁴⁹.

³⁹ B. A., Ms. 54-XI-36, N^o 95, fl. 2v..

⁴⁰ B. A., Ms. 54-XI-36, N^o 95, fl. 2v.

⁴¹ B. A., Ms. 54-XI-36, N^o 95, fl. 2v.

⁴² B. A., Ms. 54-XI-36, N^o 95, fl. 2v.

⁴³ B. A., Ms. 54-XI-36, N^o 95, fl. 2v.

⁴⁴ B. A., Ms. 54-XI-36, N^o 95, fl. 3.

⁴⁵ B. A., Ms. 54-XI-36, N^o 95, fl. 3.

⁴⁶ B. A., Ms. 54-XI-36, N^o 95, fl. 3.

⁴⁷ B. A., Ms. 54-XI-36, N^o 95, fl. 3v.

⁴⁸ B. A., Ms. 54-XI-36, N^o 95, fl. 3v.

⁴⁹ B. A., Ms. 54-XI-36, N^o 95, fl. 3v.

O palácio possuía naturalmente um jardim – referenciado desde logo no texto do Diário, como se viu – decerto não de grandes dimensões mas, apesar de tudo, merecedor da referência do autor da descrição que, deixando adivinhar o seu carácter formal, menciona "*hum uerde laberinto de murtas que deuidem uarias Ruas pera o paseo de quem quizer Lograr, ou do abrigo do Sol ou do odorifero das flores (...)*"⁵⁰, ao qual se acedia pelo piso nobre.

No segundo andar referenciam-se mais duas antecâmaras, cujas paredes se apresentavam revestidas de tapeçarias e mobiladas com diversos bofetes e cadeiras, uma segunda galeria "*de extremadas pinturas*"⁵¹, pela qual se efectuava o acesso a alguns compartimentos interiores, designadamente uma sala de audiência, quadrada e ostentando "*pannos de Ras antigos de grande excellencia no Lauor meudeza na teçedora, e propriedade nas figuras, Representação huma batalha (...)*"⁵² e ainda uma outra sala com uma fonte de mármore e um cravo que aí ficara do tempo em que o cardeal Acquaviva residira no palácio.

Também no segundo andar se localizava o quarto onde o embaixador efectivamente repousava. Aí se encontrava "*huma alcoba ao nosso uso armada de tafettas carmizis, com cortinas do mesmo em forros dourados (...) esta dentro armado o Leito, em que reposita, de pao preto, feito A moderna, dos que se uzam boie em Portugal ; o apparatus que comçiste de toldo, e cortinas, he de seda branca forrada de emcarnado com flores de Retroz, e ouro, tudo obra da China, e de grande estimação em Roma, que tanto se leua de boas apparencias, e respeita a riqueza dos nossos Estados.*"⁵³. Esta descrição da alcova e leito do prelado embaixador de Portugal traduz perfeitamente a tendência barroca de conceder um enorme protagonismo a estas componentes do espaço doméstico. Com efeito, a alcova e o leito que a integra convertem-se em mais um pretexto de espectacular encenação barroca, quase sempre dotado de elaborada decoração aplicada a primeira e sobrepujado de docel e coberto por ricos tecidos bordados, o segundo⁵⁴.

Ainda no segundo andar, duas pequenas salas facultavam o acesso ao que o autor designa "*otro jardim superior*"⁵⁵ e que seria mais provavelmente um segundo nível (em posição altimétrica superior) do mesmo jardim formal, anteriormente referenciado.

Como a descrição permite constatar, o palácio Poli, apesar de ser de construção cronologicamente anterior, apresentava, não só do ponto de vista arquitectónico mas também (e sobretudo) quanto ao tratamento dos seus interiores, muitas das componentes definidoras dos palácios barrocos italianos, proporcionando um modo de habitar confortável, requintado e sobretudo adequado ao aparato que

⁵⁰ B. A., Ms. 54-XI-36, Nº 95, fl. 3v.

⁵¹ B. A., Ms. 54-XI-36, Nº 95, fl. 4.

⁵² B. A., Ms. 54-XI-36, Nº 95, fl. 4.

⁵³ B. A., Ms. 54-XI-36, Nº 95, fl. 5.

⁵⁴ Cf. Gilda ROSA, *op. cit.*, p. 78 e ss. e Raffaella SARTI, *op. cit.*, p. 203 e ss.

⁵⁵ B. A., Ms. 54-XI-36, Nº 95, fl. 5.

caracterizava a vida social da Roma seiscentista. Satisfazendo assim, numa feliz expressão de Raffaella Sarti, "a elegância pública e a comodidade privada"⁵⁶.

Foi neste palácio, exemplo da sumptuosidade dos interiores barrocos romanos do *seicento*, que viveu D. Luís de Sousa cerca de seis anos. Nele recebeu cardeais, aristocratas, embaixadores, nele escreveu e fez escrever a vasta correspondência remetida para o reino (que os copiadores da Torre do Tombo, Ajuda e Évora bem testemunham)⁵⁷, a ele regressou para repousar após as inúmeras visitas oficiais e contactos político-diplomáticos, ou após passeios lúdicos pelas ricas *villae* romanas, onde pudera apreciar notáveis colecções de arte e em cujos jardins observara as tantas estátuas e fontes com "*esqueзитos jogos de agoa*"⁵⁸, que lhe educaram o gosto e o motivaram para a aquisição de obras para si e para terceiros, entre as quais emerge naturalmente a fonte de Neptuno, que encomendou ao célebre Gianlorenzo Bernini, para o conde da Ericeira, que tanto sucesso alcançou junto dos seus contemporâneos, que a admiraram e reproduziram mesmo numa versão efémera para celebrar o segundo casamento (em 1687) do monarca que D. Luís de Sousa representara em Roma⁵⁹.

⁵⁶ Raffaella SARTI, op. cit., p. 218

⁵⁷ Cf. nomeadamente: A.N.T.T., *Manuscritos da Livraria*, Nº 442, D. Luís de SOUSA, *Cartas Políticas*, ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO, *Manuscritos da Livraria*, Nº 1630, D. Luís de SOUSA, *Cartas de Roma*; BIBLIOTECA PÚBLICA DE ÉVORA, Cod. CIV/2-7, *Varias Cartas, e Papeis Políticos do Illustrissimo D. Luís de Sousa Arcebispo Primas, Embaixador Extraordinário que Foi do Sereníssimo Senhor Rey D. Pedro II A Corte de Roma*; a maioria da correspondência de carácter oficial encontra-se publicada por António FERRÃO, *Corpo Diplomático Portuguez Contendo os Actos e Relações Políticas e Diplomáticas de Portugal com as Diversas Potências do Mundo desde o Século XVI até aos Nossos Dias*, Tomo XV, 1ª Parte, Lisboa, Imprensa Nacional, 1936 e António FERRÃO, P. M. Laranjo COELHO, *Corpo Diplomático Portuguez Contendo os Actos e Relações Políticas e Diplomáticas de Portugal com as Diversas Potências do Mundo desde o Século XVI até aos Nossos Dias*, Tomo XV, 2ª Parte, Lisboa, Imprensa Nacional, 1959.

⁵⁸ B.N., Secção de Reservados, Fundo Geral, Cod. 408, *Diario da iornada* (...), fls. 148v. e 149.

⁵⁹ Cf. Nelson Correia BORGES, *A Arte nas Festas do Casamento de D. Pedro II*, Porto, Paisagem Editora, 1986, p. 157; acerca da fonte berniniana veja-se Teresa Leonor M. Vale, *Escultura Italiana em Portugal no século XVII*(...), pp. 161-178 e Teresa Leonor M. Vale, *Escultura Barroca Italiana em Portugal*, Lisboa, Livros Horizonte, 2005, pp. 37-62.